

## A realização ética do homem comum segundo a ética da tenacidade de Michel de Certeau

Wesley Heleno de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Michel de Certeau, pensador jesuíta francês, possui uma obra ampla e marcada por contribuições originais em duas áreas distintas: a da mística e a da cultura. Neste artigo buscamos expor o pensamento ético do autor presente em suas obras sobre a cultura e a sociologia do cotidiano. Ao pesquisar o engajamento de pessoas comuns no cotidiano, De Certeau observou uma agência mais do que a presumida passividade dessas pessoas. O autor verificou a possibilidade de realização do indivíduo na simplicidade da vida diária. Identificou os procedimentos que eles operam para se apropriarem daquilo que recebem da cultura e do meio circunstante a seu favor para criar seu lugar próprio, denominados *artes de fazer* e *artes de dizer*. Estas artes são meios concretos e efetivos de as pessoas instaurarem a sua própria forma de vida. Inseridos numa cultura plural caracterizada por diferentes valores, os indivíduos cada vez mais agem de diferentes modos e buscam se realizar o quanto possível. Desvela-se uma nova ética a qual De Certeau designou por ética da tenacidade. Discutimos a noção dessa ética no quadro mais amplo da Ética filosófica, seu alcance e limites, ao mesmo tempo em que a inserimos na compreensão da dimensão ética da vida no pensamento do autor.

**Palavras-chave:** cultura; cotidiano; ética; De Certeau.

A proposta ética de Michel de Certeau está inserida em uma dupla virada, pragmática e hermenêutica, no pensamento sociológico e político contemporâneo. Embora não trate diretamente com uma ciência do *ethos*, a ética como disciplina filosófica autônoma, De Certeau possui uma concepção ética da existência com implicações políticas, teológicas e filosóficas ao trabalhar as questões humanas. O seu próprio entendimento da dimensão ética da vida não considera a Ética dessa maneira clássica. O que não deixa de ser uma ética no compreender deste pensador e a designa por *ética da tenacidade* (DE CERTEAU, 2014, p. 83).

Contribuindo com a virada pragmática, De Certeau mostrou como os indivíduos agem sobre seu meio social, a partir de atividades comuns do cotidiano, e são capazes de influir no ambiente por meio do que ele denominou *artes de fazer*. É na qualidade de agentes, e não apenas de receptores passivos, que os indivíduos manejam os elementos da cultura para forjar seu *ethos*, sua forma de vida.

Na linha da virada hermenêutica, De Certeau concebeu o ser humano como sujeito de fala e o mundo enquanto aquilo que dele dizemos. O mundo é em grande medida aquilo que

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Área de Concentração: Ética.

é narrado dele. A linguagem para este pensador não é só um “meio”, mas sim a instância que tudo engloba e constitui o indivíduo em um ser de fala. É na e pela linguagem que acontece a manifestação do ser humano e são comunicados os vínculos que unem indivíduo ao mundo e os indivíduos uns aos outros. De Certeau aplica a concepção de linguagem ordinária do segundo Wittgenstein, isto é, “trazer a linguagem do seu uso filosófico de volta ao seu uso ordinário” (DE CERTEAU, 2014, p. 65). Desse modo a linguagem não é algo apenas cognitivo nem somente uma questão filosófica, mas surge na corporalidade no trato do indivíduo com as situações concretas, para descrever fatos da vida, a relação com outros. É neste contexto que a linguagem ganha corpo e função, ela torna-se “o aparelho de nossa linguagem ordinária” (IDEM, p. 66). O indivíduo só pode viver a existência narrando suas práticas e o próprio espaço no qual circula e habita, neste processo semiótico de significar as práticas o indivíduo empresta sentido às mesmas, a esse processo De Certeau chamou *artes de dizer* (Cf. IDEM, p. 141).

A ética certaliana possui uma expressão individual, social e mística. Ela encontra-se comunicada, de modos diferenciados conforme a matéria e o contexto enfocados pelo pensador. Importante salientar que nem sempre o autor aborda diretamente o problema ético, consoante com sua “ontologia” (empregando-se tal termo técnico filosófico entre aspas para De Certeau), porque ele sempre desloca, inverte e opera transposições conceituais atravessando fronteiras disciplinares. Como veremos o pensador francês emprega a figura da metáfora e do oxímoro para produção metáforas e atingir um vazio da linguagem e dizer o indizível. Ética e mística em De Certeau estão muito próximas senão mesmo interligadas.

Na obra *A Invenção do Cotidiano*, De Certeau elabora uma teoria das práticas cotidianas. Cria noções para compreender como o homem comum age no dia a dia e como ao praticar espaços os tornam em lugares próprios. Uma destas noções é a artes de fazer. E por *artes de fazer* o autor informa uma modalidade da ação. O ser humano na compreensão de De Certeau é um indivíduo autor e ator de sua ação. Estas ações, as mais diversas, podem ser entendidas por uma interpretação que ele designou por *formalidade das práticas*. Esta formalidade remete à lógica com que as práticas são realizadas e tem uma expressão de criação e espontaneidade, bem como de astúcia e combinatória de operações (Cf. DE CERTEAU, 2014, p. 37-38; 75).

Essa arte de *fazer com* também chamada de *usos* descreve as maneiras de utilizar as coisas de maneira inventiva. O “reemprego” é uma dessas formas de fazer. A operação do *re-emprego* (do francês *réemploi*) é entendida como a apropriação e uso para outros fins que os indivíduos fazem daquilo que é recebido de toda produção comercial ou industrial na sociedade. O consumo não é somente uma ação passiva de recebimento. O pensador observa nesse reemprego uma ação de natureza tática que é, simultaneamente, a sua formalidade e a sua inventividade. Esses procedimentos de *fazer com* e do reemprego são táticas que se servem das circunstâncias oportunas e ampliam os espaços de liberdade (DE CERTEAU, 2014, p. 87).

Há diferentes formas de fazer. Nessa arte de fazer as pessoas agem em diferentes níveis, no primeiro nível os sujeitos estão imersos “no sistema da indústria” e em tal situação a arte dos usos é justamente a “maneira de tirar partido” do sistema. No segundo nível, imbricado com o primeiro, trata-se propriamente da arte-maneira do *reemprego*. O autor exemplifica o caso de imigrantes argelinos na França: eles possuem suas “maneiras de habitar”, com o modo próprio de habitar a casa, de se comunicar etc., porém ao viverem em Paris esse povo “insinua [seus próprios modos] no sistema que lhe é imposto” diante da arquitetura urbanística francesa. Ao imigrante resta agir por meio de usos e reempregos de elementos presentes a fim de criar para si o seu novo espaço habitável. Sem se retirar do lugar social onde estão imersos o imigrante instaura nesse ambiente uma *pluralidade*. Para De Certeau, o *habitus* de que fala Bourdieu não é como o quer este conhecido sociólogo francês uma estrutura permanente; sempre é passível de mudança e adaptações segundo o pensador (Cf. DE CERTEAU, 2014, p. 87-89; 110-122).

Tal como a *arte de fazer* é fundamental nas práticas do cotidiano, igualmente a *arte de dizer* é essencial na teoria certaliana. Se é certo que toda pessoa vive agindo, isto é, atua no real para construir realidades nas quais consiga viver, é necessário narrar tais práticas, ou seja, dizer o mundo em que se vive.

De Certeau afirma que a “narrativização das práticas” é a “maneira de fazer’ textual” (DE CERTEAU, 2014, p. 141). Saber-fazer é indissociável de um saber-dizer, mesmo que o primeiro apresente uma pré-compreensão que é condição de sua produção, este procedimento somente alcança o relato ou na narratividade a explicitação de seu sentido. Isto é condição para o indivíduo se fazer consciente e responsável diante sua prática.

O pensador observa uma “homologia de procedimentos” bem como “imbricações sociais que conectam ‘artes de dizer’ às ‘artes de fazer’” uma vez que ambas as práticas se realizam ora no campo verbal, ora no campo gestual. Isto vale para toda prática cotidiana do conversar, ao preparar uma refeição, contar uma história ou outra ação humana (DE CERTEAU, 2014, p. 142).

A *arte de dizer* enquanto narratividade não se limita a uma descrição dos fatos ou atos que se possam praticar. Não há necessidade aqui de o relato se ajustar totalmente a um acontecimento ou dar credibilidade pela precisão de uma descrição. Ao contrário, a narrativa deve criar um espaço de ficção, deve se afastar do *real* para criar, *fazer* uma realidade. A narração nesse sentido é muito mais do que descrever o *golpe* de astúcia, ela é esse golpe. A autor esclarece que o relato possui um conteúdo, entretanto esse conteúdo faz parte da maneira de recriar a realidade *ditada*.

A posição certaliana insiste em reconhecer a capacidade de agência ética do ser humano no cotidiano e coloca o acento nas operações astuciosas que conjugam as *artes de dizer* às *artes de fazer*. Para isto é preciso compreender o *par conceitual estratégia e táticas* em De Certeau.

Os sujeitos praticantes ordinários (homens ordinários) são caracterizados por De Certeau como indivíduos inventivos e perseverantes. Eles traçam “trajetórias indeterminadas” nos espaços da existência (DE CERTEAU, 2014, p. 91-92). Esta categoria de *trajetória* usada pelo autor é metáfora que serve como *estrutura imaginativa* para ilustrar o movimento temporal no espaço. Contudo, tal metáfora tem seus limites porque não possibilita ver claramente a “articulação *temporal* dos lugares em uma sequência *espacial*” (IDEM, p. 92-93). Isto significa que somente veríamos o *traçado* do percurso feito, porém não uma operação realizada. Como as práticas cotidianas ocorrem em um campo de forças, De Certeau emprega outro esquema mais apropriado, o das estratégias e táticas.

A linguagem militar de estratégias e táticas devem ser interpretadas analogicamente, De Certeau define assim:

Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças [...] (DE CERTEAU, 2014, p. 93, *itálicas* e aspas do autor).

Já “a tática é a arte do fraco”, diz-nos De Certeau, que usa o tempo a seu favor, utiliza as ocasiões para operar com astúcia, dando *golpes*, criando espaços, *fazendo com* (Cf. DE CERTEAU, 2014, p. 95). Esse *funcionamento* ou *lógica* das táticas é análogo ao funcionamento ou *lógica* das práticas. De Certeau assim define essa operação:

Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. [...] opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende. É astúcia (DE CERTEAU, 2014, p. 94-95).

A ética da tenacidade certaliana, no âmbito pragmático da vida cotidiana afirma que a arte de viver vale-se sempre desse modo de operar astucioso. O sujeito movimenta-se no terreno do adversário e precisa lutar para alcançar seus objetivos. De Certeau, para contrapor a teoria deterministas de alguns marxistas, bem como a compreensão cerceadora dos sistemas panópticos de Foucault, elabora um modelo polemológico (da arte da guerra). O sujeito praticante, sempre insubmisso, emprega tenazmente os meios de que possui para instaurar um lugar próprio. Muito mais do que o famigerado “jeitinho” de fazer as coisas, para o pensador a constituição da sociedade como campo de forças e disputas, sociedade essa configurada por instituições e hierarquias (lugares estratégicos e de poder) exige de os indivíduos atuarem com astúcia para criar seu lugar e exercer seus direitos. O sujeito para De Certeau é o humano que não se permitir aprisionar pelos limites institucionais ou à cultura dominante

no momento. Há sempre um espaço de liberdade para criar. Essa operação de criação do próprio lugar de espaço e cultura, *ethos* próprio, utiliza as artes do fazer e as artes de dizer como instrumentos valiosos de ação.

Como pode-se observar a concepção ética de De Certeau, não se baseia em uma *ciência do ethos* que tem por fundamento um entendimento de ciência sistemática e que tenciona alcançar uma Ciência demonstrativa e Universal. Pelo contrário, De Certeau é um pensador que compreende, lucidamente, que a Ética não pode ser sistemática e determinar com precisão o comportamento humano. O pensador buscou basear sua ética em uma ciência do singular (das práticas, do cotidiano) enquanto saber do Particular, será sempre aproximativa, fundada na referencialidade de cada grupo étnico, das pessoas comuns da História. Grupos e pessoas postos à margem (De Certeau chama atenção aos marginais da História) e que estão e persistem em estar presentes no dia a dia do mundo, daí a tenacidade de suas éticas. Não se trata de fazer uma antropologia cultural, nem uma exótica etnografia e sua interpretação etnológica, mas trata-se, primeiro, de reconhecer uma irreduzível pluralidade de *ethos* (cultura no plural) e os diversos critérios de realização humana e ética.

A categoria da cultura é fundamental nos estudos de De Certeau, e marcadamente no reconhecimento de sua manifesta pluralidade. Não há um único *ethos* (costumes, concepção de valores, modos de agir), mas sim uma diversidade que traduz a riqueza humana de tradução a vida em formas de vida conforme a época história, a língua, os traços étnicos, os condicionantes sociais e políticos. A realização da pessoa, do cidadão comum na sociedade, pode acontecer ou não na medida em que a pessoa consegue engaja-se astuciosamente na invenção de sua vida na esteira do cotidiano. De fato, cada pessoa parte daquilo que ela recebe de seu meio familiar, da sociedade mais ampla, sua época etc., mas sobretudo quando age reorganizando todos esses elementos culturais, por reemprego ou por bricolagem, e *inventa* sua existência (forma de vida).

Na dimensão política e social da ética certaliana, o pensador não nega ingenuamente que haja reais limites para a ação dos indivíduos enquanto agentes na sociedade. O próprio De Certeau reconheceu as determinantes econômicas e políticas que, quando injustas, violentam os indivíduos. É inclusive neste contexto hostil, porém também em todos os outros, que encontramos a contribuição de De Certeau: sempre haverá possibilidades as mais diversas para a atuação dos indivíduos e a sua realização na sociedade.

Ainda no plano político, De Certeau afirma que criar implica um risco. Para construir algo novo corre-se o risco, no limite, até de morrer. O pensador refere-se aos contextos políticos específicos de ditadura e opressão. Em um texto *Construção Revolucionária e Violência*, De Certeau afirma que o povo deve assumir o risco de realizar a revolução necessária para superar um governo violador de direitos fundamentais. Neste caso a violência da revolução seria uma resposta à violência do Estado que vilipendia gravemente a dignidade humana. Contudo, De Certeau é firme em dizer que tal revolução deveria ser praticada, inclusive por cristãos, com o critério e sob a forma de “uma política do homem” dotada de uma “forma de

pedagogia” que “não permaneça um *pathos* ou não seja uma destruição... [para] lhe dar um sentido político” (DE CERTEAU, 1968, p. 115). De Certeau foi um homem pacifista e seu exercício intelectual sempre foi centrado na palavra e no diálogo. Mostrou repetidas vezes sua solidariedade para com as pessoas que padeciam violência e injustiça, entre estas, nós brasileiros, durante a ditadura militar no Brasil.

De Certeau insiste em afirmar que, na vida concreta diária, os indivíduos não podem deixar de agir/praticar para viver não obstante as vicissitudes e os obstáculos sempre presentes. A ética da tenacidade em De Certeau, pode ser definida como a “mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade” (DE CERTEAU, 2014, p. 83). Na vida individual, no âmbito social a ética certaliana afirma que a capacidade humana não se limita a tenaz resistência à ordem posta, mas sobretudo a ultrapassa pela inventividade. De fato, não se trata de invenção ou criação absolutamente originais – salvo raríssimas exceções – de um agir que modifica ligeiramente a ordem social (ZINE, 2010, p. 422).

Em Michel de Certeau, temos a emergência radical da subjetividade na determinação do agir ético do indivíduo. O pensador não desconsidera a questão da coletividade na ação ética, aqui e neste aspecto pretende firmar a realização ética do sujeito a partir de sua individualidade. De Certeau não é um pensador do individualismo porque reafirmará a necessidade da alteridade para integrar o indivíduo e compor o laço social. É na relação com os outros a partir da alteridade de suas vozes, seus rostos, suas próprias culturas que retroalimentam a pluralidade cultural tão defendida por De Certeau.

As categorias da subjetividade e do social são ambas fundamentais no pensamento certaliano. De Certeau é considerado “um mestre do rigor” por Paul Ricoeur, este chega a adotar sua noção de *operação historiográfica* pela destreza em identificar a tríade do “lugar”, dos “procedimentos de análise” e da “construção de um texto” em história (Cf. RICOEUR, 2007, p. 210-215). Realmente, De Certeau é um pensador que desafia as noções simplistas ao insistir considerar a realidade em sua plena complexidade, ele emprega a figura do oxímoro para ilustrar a aparente contradição do real com assumir radicalmente a tensão dos paradoxos: afirmação da individualidade e afirmação da sociabilidade, da transparência e da opacidade da enunciações dos sujeitos éticos, na particularidade e da universalidade de cada prática do homem ordinário.

## A ÉTICA, A ESTÉTICA E A MÍSTICA EM MICHEL DE CERTEAU

Uma outra dimensão muito mais profunda da ética proposta por De Certeau, envolve necessariamente as dimensões estética e mística. Não podemos tratar em profundidade neste artigo visto que ultrapassa seu escopo, faremos breve aceno.

De Certeau está cômico sobre a noção filosófica clássica de Ética entendida como *ciência do ethos*. E de outras propostas éticas como a deontológica kantiana. Portanto sabe das noções de Ética enquanto investigação ampla e sistemática sobre o que é bom; sobre o bem

viver. Esta não é o estilo de trabalhar de De Certeau. O pensador age com um procedimento que lhe é peculiar, segundo comenta Giard, isto é, De Certeau dá “um passo para o lado” (GIARD, 2016, p. 9). O pensador responde indiretamente por meio de metáforas e paradoxos o que, para ele, é a pergunta central ética: “aquilo ‘sem o qual’ não se pode mais viver” (DE CERTEAU, 2012, p. 35). A sua resposta é enigmática como veremos.

Penso que a posição epistemológica de De Certeau, quanto à possibilidade de uma *ciência do ethos* é semelhante – mas não igual – a de Wittgenstein, com quem entretém forte diálogo na obra *A Invenção do Cotidiano* (Cf. DE CERTEAU, 2014, p. 65-70). Para Wittgenstein, em brevíssimo resumo, a Ética “não pode ser uma ciência” (WITTGENSTEIN, 1929/1930, p. 8) porque afirma ou pretende afirmar uma proposição que ultrapassa a capacidade da linguagem humana. Infringe os limites da linguagem. Contudo, Wittgenstein reconhecia o ímpeto humano por dizer algo de absoluto, falar sobre o sentido último da vida; a essa “tendência do espírito humano” Wittgenstein pessoalmente respeitava, não obstante não reconhecer a impossibilidade de fazer dela um saber verdadeiramente rigoroso (IDEM, p. 8). Em De Certeau, há algo muito próximo – mas não idêntico –, o pensador jesuíta constata haver um *desejo* que habita o homem e o impele a caminhar sem se deter em nenhum achado.

Outro ponto que aproxima De Certeau a Wittgenstein é a compreensão de que a ética, no sentido mais radical do termo e naquilo que pretende elucidar (aquilo sem o qual não se pode mais viver, De Certeau) radica fora do mundo. Para De Certeau a mística fundamenta a ética, para Wittgenstein aquela tendência humana pelo absoluto mesmo que não seja viável expressá-la com rigor esboça uma forma de misticismo: “é óbvio que Ética não se pode pôr em palavras. A Ética é transcendental [A Ética e a Estética são Um]” (WITTGENSTEIN, 1987, p. 138, n. 6.421).

Para compreendermos corretamente o pensamento ético certaliano é preciso uma imersão em sua pesquisa sobre a mística e sobre a pessoa do místico. Sua compreensão ética está ligada à sua concepção de homem e de mundo. O ser humano para De Certeau é um sujeito *praticante* e um *passante*. Um praticante insubmisso que resiste em valer-se de sua capacidade de fala e de praticar. O *praticante* cria seu espaço vital e cria seu *ethos*. Nenhuma instituição ou ordem cultura predominante determinam completamente o que os sujeitos são em uma sociedade. O humano é igualmente um *passante*, um vivente que nunca está fixado em um lugar e que não se contenta com nada que lhe é oferecido porque um desejo que o habita o impele a dizer sem parar “não é isso” [*ce n'est pas cela*]. Esta condição de caminhante está diretamente vinculada à definição da *pessoa do místico* ou *da mística* segundo De Certeau. Para ele “é místico aquele ou aquela que não pode parar de andar” e isto se deve ao fato de que uma *ausência* originária os impele a prosseguir incessantemente sua busca. Diz-nos ele:

e que, com certeza do que lhe *falta*, sabe de cada lugar e de cada objeto que *não é isso*, que não pode residir *aqui* nem se contentar com *isso* (DE CERTEAU, 2015, p. 481, *itálico nosso*).

É uma espécie de “desejo”, diz-nos De Certeau, que “cria um excesso” e impele o sujeito a continuar *partindo* de lugares instalados e continuamente *passar*. Não há uma definição mais precisa desta *falta* ou da ausência originária em De Certeau. Uma citação que ele faz da mística Hadewijch d’Anvers, descrevendo por alusão esse inominável que habita todo místico: “*um nobre eu não sei o quê* nem isso, nem aquilo, que nos conduz, nos introduz e nos absorve em nossa Origem” (HADEWIJCH *apud* DE CERTEAU, 2015, p. 482, *italico nosso*).

Toda tentativa de identificar essa falta fundamental termina por fracassar em agarrar algo que não é o que o coração humano busca. O ser humano para De Certeau não é o sujeito cartesiano nem o indivíduo iluminista cuja razão está transparente para si e atua conforme dita (*será mesmo?* De Certeau desconfia!) a razão ordenadora. A antropologia certaliana, pelo contrário, ressalta tanto os deslizamentos históricos – real e concreto – quanto a transbordamento – simbólico e espiritual – do sujeito humano diante da existência.

É possível desde aqui notar que a perspectiva ética certaliana é de outra ordem que não a de uma ciência do *ethos* que pretende enquadrar a eticidade dentro de um sistema filosófico, indicando que alguma clareza o que *está dentro* e o que *está fora* de uma ética. A ética da tenacidade de De Certeau salienta que o sujeito que é capaz, não apenas de resistir, mas de inventar a si próprio. O ser humano é impulsionado por um desejo excessivo que o leva a um *movimento* incessante e que jamais se encerra num sentido único porque esse movimento “não se apoia em nada” (Cf. RABANT, 2002, p. 25).

Com esta antropologia é difícil *encaixar* o sujeito, o humano, segundo a compreensão certaliana, em uma *doutrina* ética porque o sujeito sempre estará transbordando as definições e ultrapassando os limites impostos. De Certeau observa com muita reserva os movimentos de classificar ou categorizar a ação humana para, depois, generalizá-la em conceitos, é uma forma de “tentação do universal” (Cf. DE CERTEAU, 2006, p. 94).

Embora nossa pesquisa ainda esteja em curso no mestrado em Ética, desejamos expor brevemente algumas de nossas hipóteses interpretativas do quanto De Certeau compreende por ética.

## CONCLUSÃO

A ética em De Certeau apresenta três manifestações, que poderia ser englobadas em duas: a *ética da tenacidade* no cotidiano sob a perspectiva do homem ordinário, sujeito praticante insubmisso capaz de criar seu *ethos* ou *forma de vida*; a *ética social* que afirma a riqueza da alteridade que produz a *cultura plural* e não contorna os embates políticos e históricos da vida em sociedade. Essa dimensão social *insta* o indivíduo a não se fechar no individualismo; e finalmente a *dimensão ética da existência* que reconhece no ser humano um ser habitado por um *desejo* que o excede, uma *falta* originária que o impulsiona a sempre passar, a nunca se deter. Esta compreensão global da Ética, em De Certeau, deriva diretamente de seus estudos da mística e dos místicos.

Da concepção da ética a partir da cotidianidade, o pensador afirma uma *ética da tenacidade*, isto é, um *tenaz* engajamento do sujeito *praticante* para criar sua forma de vida (*ethos*) no cenário existencial do cotidiano. A vida no dia a dia exige um agir inventivo e um narrar as práticas (comportamentos) emprestando-lhes sentido. De Certeau descreve as formas desses agir por procedimentos designados por *artes de fazer*, *artes de dizer*, e com técnicas de *reemprego*. De Certeau não emite juízos de valor a respeito das inúmeras práticas cotidianas nem as hierarquiza, *exceto* pelo seu único critério para admitir a eticidade das práticas: “aquilo ‘sem o qual’ não se pode mais viver” (DE CERTEAU, 2012, p. 35). Nossa hipótese é a de que a *ética da tenacidade* seja uma espécie de ética da situação ou uma variante próxima dessa corrente. Conforme Ferrater Mora, pensadores como Kierkegaard, Sartre e Martin Buber são precursores da ética da situação. Além de interessar à teólogos protestantes luteranos e alguns teólogos católicos como Theodor Steinbüchel (2004, p. 2712). Outros comentadores também incluem os filósofos alemães Jaspers e Heidegger. Ainda segundo Ferrater Mora, a *ética da situação* leva em consideração as situações humanas concretas ao formular alguma norma ou princípio ético; se afasta de dois extremos, ou seja, a ética de caráter absolutista e a ética relativista (IDEM, p. 2712-2713).

A ética social certaliana esforça-se por fazer seja reconhecida a pluralidade radical da cultura. A noção chave aqui é a de alteridade seguida da resposta de acolhimento dos diferentes outros, com seus rostos, com suas histórias. Reforça os vínculos entre os agentes sociais e querer viver juntos.

A compreensão da dimensão ética da existência está profundamente marcada, em De Certeau, por uma apreciação estética e mística da vida humana. Há um inominável excesso de desejo que habita todo ser humano. O homem sempre transborda os limites organizadores de uma sociedade e das instituições, devido sua própria natureza, esta é a origem da inventividade e das rupturas instauradoras que os humanos são autores e por meio delas se abrem sempre novos caminhos aos *passantes* na história.

A resposta para o único critério para *discernir* a eticidade das práticas (comportamentos) e das decisões relevantes na vida em Michel de Certeau, que é: “aquilo ‘sem o qual’ não se pode mais viver” (DE CERTEAU, 2012, p. 35) somente pode ser dada por uma resposta tão aberta quanto enigmática: o *desejo de viver* (DE CERTEAU, 2012, p. 251).

## REFERÊNCIAS

DE CERTEAU, Michel. *A Fábula Mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015.

DE CERTEAU, Michel. *A Cultura no Plural*. 7ª ed. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 2012.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. Volume 1*. Nova edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.

- DE CERTEAU, Michel. *Construction Révolutionnaire et Violence*. In Revista *Christianisme et révolution*. Supplément à lettre n° 119. Ano 1968, p. 110-118.
- DE CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Coleção História & Historiografia. v.3. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- DE CERTEAU, Michel. *La debilidad de creer*. Buenos Aires: Katz, 2006.
- FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia. Tomo IV: Q-Z*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- GIARD, Luce. *História de uma pesquisa*. in *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Vol. 1. Nova edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 9-31.
- GIARD, Luce. *Introducir a una lectura de Michel de Certeau*. in *Relecturas de Michel de Certeau*. Carmen Rico de Sotelo (Org.). México: Edição da Universidad Iberoamericana, 2006, p. 15-33.
- GIARD, Luce. *Um caminho não traçado*. In *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Michel de Certeau. Coleção História & Historiografia. v.3. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 7-41.
- GONZÁLEZ-SANZ, Juan D. *La antropología del creer de Michel de Certeau: antecedentes*. La torre del Virrey. *Revista de Estudios Culturales* n° 17 2015/1, p. 70-85.
- HADEWIJCH, d'Anvers. *Écrits mystiques*. In Michel de Certeau. *A Fábula Mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015, p. 482.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. 5a. novembro de 2002. CD-ROM.
- VV.AA. ESPACESTEMPS Les Cahiers. Michel de Certeau, histoire/psychanalyse. Mises à l'épreuve. Michel de Certeau... [et al.]. CNRS, n. 80/81, p. 3-180, 2002.
- RABANT, Claude. Michel de Certeau, lecteur de Freud et de Lacan. In ESPACESTEMPS Les Cahiers. Michel de Certeau, histoire/psychanalyse. Mises à l'épreuve. Michel de Certeau... [et al.]. CNRS, n. 80/81, p. 3-180, 2002, p. 22-26.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas : Editora da UNICAMP, 2007.
- SOTELO, Carmen Rico de. (Coord.) *Relecturas de Michel de Certeau*. Universidad Católica de Uruguay. México: AUSJAL, 2006.
- SIAPKAS, Johannes. *Ontología del Otro: Reflexiones sobre la filosofía de Michel de Certeau*. La torre del Virrey. *Revista de Estudios Culturales* n° 17 2015/1, p. 48-59.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico; Investigações Filosóficas*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- ZINE, Mohammed Chaouki. *La pensée et l'action dans la perspective sociologique de Michel de Certeau*. *Revue Laval Théologique et Philosophique*, 66, 2. Juin 2010, p. 407-423.